

**CONTRIBUIÇÕES LINGÜÍSTICAS À ESTILÍSTICA:
É O ESTILO UMA QUESTÃO IMANENTE À ATIVIDADE DE LINGUAGEM?**

Aline C. K. EMILIO (UEPG)¹

RESUMO: Registra-se que a questão central deste artigo “*É o estilo uma questão imanente à atividade de linguagem?*”, problema de pesquisa que surgiu de indagações ante diversas experiências com enunciados linguísticos variados, como o desta propaganda: “VEM PRA CAIXA VOCÊ TAMBÉM. VEM!” Seriam enunciados como esses portadores de estilo? Para compreender de modo adequado o que é o estilo, percebe-se a necessidade de situar o surgimento da estilística, de verificar o percurso conceitual de estilo e, somente a partir dessa verificação, buscar resposta para essa questão.

PALAVRAS-CHAVE: Estilística; Linguagem; Estilo.

**CONTRIBUTIONS TO LANGUAGE STYLISTICS: IS STYLE A MATTER IMMANENT
TO LANGUAGE ACTIVITY?**

ABSTRACT: The central question of this article follows: “is a style issue inherent to language activity?”, and this question crosses with several other experiences with many linguistic enunciations like the one in the following ad: “Vem pra caixa você também. Vem!” (You should also come to Caixa. Come now!). Would enunciations like these be the owners of style? In order to adequately comprehend what style is, it is necessary to fix the surging of stylistics, to verify the conceptual path of style and, only after this verification, to seek answers for the above-mentioned question.

KEYWORDS: Stylistics; Language; Style.

¹ Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: alinemilio@uol.com.br.

1 PONTO DE PARTIDA

Neste preâmbulo, é interessante registrar que a questão central deste trabalho, “*É o estilo uma questão imanente à atividade de linguagem?*”, surgiu de indagações ante diversas experiências com enunciados linguísticos variados, como o desta propaganda: “VEM PRA CAIXA VOCÊ TAMBÉM. VEM!”, ou esse, registrado por um catador:



Seriam enunciados como esses portadores de estilo? Para compreendermos de modo adequado o que é o estilo, percebemos a necessidade de situar o surgimento da estilística, de verificar o percurso conceitual de estilo e, somente a partir dessa verificação, buscar resposta para essa questão.

Com esse objetivo, faremos o seguinte percurso: revisaremos as características da linguística estruturalista e funcionalista, correntes presentes no século XX, para, então, situarmos o surgimento da Estilística nesse contexto. A seguir, trataremos dos aspectos relativos à estilística literária e à estilística geral, e também trataremos das concepções de estilo na visão de Charles Bally (1941), que exerceu forte influência sobre a estilística do século XX, Granger (1974) e Bakhtin (1992,1995), autores que continuam sendo importantes para a atual estilística.

Acreditamos que essa trajetória possibilitará uma visão de estilo na perspectiva do estruturalismo e do pós-estruturalista e, além disso, oportunizará resposta à indagação inicial.

2 TRILHA ESTILÍSTICA: SOB PERSPECTIVA ESTRUTURAL E FUNCIONAL

A linguística do final do século XIX é marcada por análises da natureza da ciência e pelo debate sobre os fundamentos epistemológicos da investigação científica, o que desencadeia a postura formalista. Nesse quadro linguístico está inserido Ferdinand Saussure, que realiza dicotomias para definir o objeto da linguística, sendo a distinção entre *langue* e

parole a mais significativa. Em sua concepção, a *parole* é a língua no plano das realizações individuais de caráter não social e de difícil estudo sistemático por sua dispersão e variação, já a *langue* é a língua no plano social, convencional e do sistema autônomo.

O estruturalismo de Saussure volta-se para a análise do sistema da língua como um conjunto de regularidades que subjazem à língua enquanto interioridade e forma, sendo que a variação ficava por conta das realizações individuais. Saussure não nega que as línguas variam, mas esse não é o objeto de seu interesse.

No século XX, constata-se, assim, por influência do formalismo, a existência de uma linguística marcada por dicotomias: social x individual, significante x significado, conotação x denotação, literal x figurado, entre outras, conforme Marcuschi (2008).

Ainda no Século XX, houve outra vertente influente denominada hoje de Funcionalista, os seus representantes realizavam projetos e estudos linguísticos que davam atenção aos aspectos funcionais, situacionais e contextuais no uso da língua, não se concentrando apenas no sistema.

Dessa vertente funcionalista, destacamos Roman Jakobson, que, em seu discurso na Conferência de Estilo de Indiana, em 1958, argumentou: “Uma linguística que não dá atenção para a função poética da linguagem e uma escola literária indiferente aos problemas linguísticos e que não envolve métodos linguísticos são igualmente flagrantes anacronismos” (SEMINO; CULPEPER, 1995, p. 514).

Nesse contexto nasceu a Estilística como disciplina linguística com o objetivo de não mais ministrar conselhos para quem escreve, herança da Retórica; porém, não está totalmente desligada de estudos sobre a expressão linguística que se ocupara da linguagem para fins persuasivos e artísticos. E, por volta de 1958, nasceu a estilística literária contemporânea, quando aconteceu a Conferência de Estilo de Indiana, na qual Roman Jakobson concluiu sua exposição com a intervenção citada acima, que consistia em tornar-se um manifesto.

O pensamento de Jakobson justifica a hipótese principal da estilística literária de que as teorias e os métodos desenvolvidos na linguística podem ser aplicados ao estudo da literatura. Os estudiosos dão maior atenção aos textos que podem explicar como os efeitos são alcançados, como são construídas as interpretações e providenciam melhores explicações sobre os significados nos trabalhos literários.

Em síntese, o crescimento da estilística, desde 1960, pode ser caracterizado como um amplo movimento de abordagens formalistas para uma conscientização do relacionamento entre a linguagem dos textos e a pragmática, dimensões social e ideológica da produção e

recepção literária. Esse desenvolvimento foi estimulado pelos avanços teóricos e metodológicos na linguística e pelo impacto da Gramática Grativa, da Pragmática, da Análise do Discurso, da Sociolinguística, da Gramática Funcional Sistêmica e da Linguística Crítica.

Para Semino e Culpeper (1995), talvez a contribuição linguística mais influente para a estilística literária a partir dos anos 70 seja o modelo funcional de linguagem de Halliday, pois mostra como a função ideacional e, particularmente, o sistema de transitividade são destacados no romance e são usados para contrastar a visão de mundo dos protagonistas

Desenvolvimentos em Pragmática forneceram orientações para análise do significado no diálogo ficcional. A Análise do Discurso, igualmente, foi material instrumental, providenciando uma estrutura para o estudo da organização total de textos e, particularmente, de diálogo entre personagens (CARTER; SIMPSON, 1989). Outros estudos têm aplicado modelos específicos de discurso e análise conversacional para descrever e interpretar a estrutura linguística do diálogo dramático (BURTON, 1980; NASH, 1989). A teoria de polidez foi útil para captar a dimensão social de caráter interacional (SIMPSON, 1989; BROWN; GILMAN, 1989; LEECH, 1992).

Análises baseadas no trabalho de Bakhtin são também consideradas pelos estudiosos voltados a uma análise mais geral da dimensão dialógica de textos literários, denominada interação de múltiplas vozes na mistura de diferentes registros.

Em geral, a estilística literária é motivada por interesse nos textos que são objeto de análise. A literatura, entretanto, representa um campo de pesquisa desafiante para as teorias e modelos linguísticos. Carter e Simpson (1989) utilizam os níveis linguístico-estilísticos para análise de textos literários com o objetivo de fazer avançar a teoria linguística, mais do que de promover o entendimento literário. Isso significa que assuntos de literatura e linguística são, de fato, combinados frequentemente nos trabalhos dos estilistas.

Mesmo assim, é possível distinguir a estilística literária da estilística geral, considerando, desta, três fatores básicos:

- 1) abranger textos de diversas áreas como propaganda, reportagens de jornal, textos políticos, burocráticos, religiosos, e conversação diária;
- 2) ser dirigida à caracterização de diferentes estilos, tendo como suporte a linguística geral da variação;
- 3) dar mais atenção ao papel do contexto em um estilo particular.

Semino e Culpeper (1995) acreditam que o instrumental para a estilística geral foi dado por Crystal e Davy (1969) e Enkvist (1964; 1973). Os dois estão unidos por entenderem

estilo como variedades de linguagem que se correlacionam com contextos particulares. O objetivo é a descrição formal de características linguísticas de certos contextos sociais, ou melhor, a explicação do porquê da presença de certas características, em vez de outras, e a classificação daquelas características de acordo com sua função contextual.

No entanto, foi somente em 1980 que o modelo linguístico contextual foi desenvolvido em Análise do Discurso, Pragmática e Linguística Crítica, cujas disciplinas abordaram, com mais capacidade, o uso dinâmico da linguagem em contexto e sob o enfoque de forças sociais às quais a linguagem é exposta.

As publicações recentes em estilística tendem a incluir análises de textos literários e não literários, agrupados de acordo com outro critério diferente do *status* literário e não literário (CARTER; NASH, 1990; TOOLAN, 1992).

Em seu trabalho, Pratt (1988, p. 22) já havia sintetizado a vantagem da nova perspectiva: “[...] há muito a ser ganho [...] com análises, descentralizada da questão de verdade x falsidade, ficção x não-ficção, gênero literário x gênero não-literário e que focalize, ao contrário, estratégias generalizadas de representação”. Tanto é que os anos 90 apresentam movimentos em direção a uma integração das preocupações literário-estilísticas, em uma ampla área de estudos do discurso e da comunicação.

Desse modo, a visão dominante de estilo, na linguística do século XX, pode ser descrita, segundo Birch (1998, p. 995) como “a soma das características linguísticas as quais distinguem um texto de outro”. E o que identifica a estilística como disciplina preocupada com a teoria e análise do estilo são motivações teóricas e metodológicas diferentes, que determinam quais características linguísticas em um determinado texto são adequadas para análise e quais não o são. É uma estilística preocupada com a variação no uso da linguagem, ou seja, com a escolha analítica de seus termos.

Sobre as maneiras como a estilística é desenvolvida em se tratando de ação, Birch concluiu existirem três atitudes dos analistas:

- 1) Aqueles que desenvolvem modos de entender mais profundamente o significado de textos literários e as preocupações do escritor, personalidade e intenções, bem como desenvolvem consciência das circunstâncias e dos contextos de produção. Isso leva a comparar o estilo de diferentes escritores, períodos, gêneros e leva, também, a uma forma de crítica prática para ajudar a ‘explicar’ a resposta intuitiva do leitor para o texto;

2) Pesquisadores preocupados com a produção de análises designadas a classificar textos, gêneros e períodos literários, mais pela atribuição de autoria e proveniência, através da linguística literária e dos meios retóricos, envolvendo análises estatísticas e computacionais;

3) Analistas que utilizam a variação linguística como exemplificação para o desenvolvimento de um entendimento mais teórico da linguagem como sistema virtual, em vez de comunicação atual, em tempo real.

Na opinião de Birch, muitas das atividades intelectuais dos séculos XIX e XX têm revelado preocupação de serem explícitas, no sentido de bem definidas e claras, de acordo com o discurso formal de algumas práticas científicas. No entanto, quando aplicadas ao estudo da linguagem, têm resultado em uma tensão teórica, em que se discute se as estruturas linguísticas são motivadas internamente pelos princípios da gramática ou se elas são motivadas externamente pelas forças socioculturais.

A tensão entre as orientações: internalizada (psicológica) e externalizada (sociológica), bem como as reações contra aspectos mecanicistas das linguísticas formalista e funcionalista foram moldando o caráter da estilística, no final do século XX.

É interessante recordar que o estudo da linguagem na perspectiva formalista ou funcionalista acontece, de certo modo, sem os perfis e as práticas da estilística. Foram, porém, as reações contra aspectos mecanicistas das linguísticas estruturalista, formalista e estilística estruturalista que fizeram aparecer a teoria e a análise impressionista de textos.

Estabelece-se, assim, uma reação contra as preocupações governadas por regras da linguística estruturalista, e indica-se um abarcar da teoria literária pós-estruturalista. A estilística deu maior abertura para uma crítica linguística social e semiótica do texto, motivada politicamente. O texto passa a ser considerado como um local para a produção de significados de um modo dinâmico e interativo, envolvendo o leitor em determinações institucionais, sociais e culturais, o que indica uma maior movimentação de métodos de estudo no final do século XX, afastada de uma análise fechada do 'quê' individual.

Entretanto, é possível encontrar análises praticadas nos anos 90 nas perspectivas estruturalista, formalista e impressionista, junto à análise estatística e computacional do estilo, com graus de variação conforme o interesse disciplinar.

Esse movimento de análises tem refletido uma crescente preocupação com as categorias de discurso e formações discursivas, distanciando-se, assim, das críticas limitadas da linguística estruturalista que tratam de estilística. Entender significado na estilística pós-

estruturalista é, portanto, entender as realidades sociais mais que verdades determinadas, as quais se acredita que “*pré-existem*” à linguagem.

Na visão de Burton, significa que, “seja qual for a direção intelectual de escolha linguística, as questões recorrentes e os problemas finais a serem encarados são feitos, especificamente, com assuntos culturais humanos, pensamento, ação consciente, interpretação, significado, interação, processos e influências históricas e culturais” (BIRCH, 1998, p. 959).

Concordar com Burton significa não ser mero observador, desinteressado da estilística e, principalmente, de **eventos estilísticos** como o **estilo** e a **expressividade** que muito podem contribuir para o entendimento de questões, relacionadas com a linguagem.

3 RUMO AO ESTILO E A EXPRESSIVIDADE

Mesmo tendo sido discípulo de Saussure, Charles Bally preocupou-se em estudar aspectos da língua dissociados dos interesses de seu mestre, o que lhe concedeu a qualidade de “pai da estilística moderna”. Ao publicar, em 1902, seu *Traité de stylistique française*, seguido de *Précis de stylistique*, funda sobre bases racionais a estilística da expressão, partindo do seguinte princípio: “A estilística estuda os fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade” (GUIRAUD, 1978, p. 74).

Trata-se de uma estilística da língua e não da palavra, aparentada à antiga retórica com suas figuras, seus tons, seus estilos. Sob essa perspectiva, a palavra ‘face’ seria do estilo sublime, ‘cara’ do estilo medíocre, ‘rosto’ ou ‘rostinho’ (em linguagem familiar) do estilo burlesco. Bally procura tomar consciência das funções da linguagem, mas da linguagem em sua infinita variedade e em suas estruturas vivas.

Nessa preocupação de Bally com o conteúdo afetivo, existe um forte componente subjetivo, influenciando o uso da linguagem. A existência do componente subjetivo pressupõe a existência de um componente objetivo, permitindo visualizar a língua a partir da dicotomia denotativo x conotativo ou, na terminologia do autor, em representativo x expressivo, evidenciando a existência de uma lacuna entre pensamento e linguagem.

A divisão pode ser a razão por que o estilo é considerado, geralmente, um elemento não necessário à expressão; ele vem, por acréscimo, dotar o pensamento de uma elegância a

partir de um conceito invariável, não está incluído no sentido, o que justifica sua definição de estilo como desvio.

Entretanto, se o estilo é considerado desvio da norma, torna-se possível o surgimento de uma interessante questão: Como encontrar realmente métodos e critérios para definir norma, para que dela se possam admitir desvios?

Além disso, o estilo como desvio sugere a busca de originalidade, de inovação. Torna-se difícil aceitar tal pensamento, porque leva a crer na existência de um intervalo entre o pensamento e sua expressão através da linguagem. A ideia é de que o pensamento preexiste à linguagem e que a função desta é aplicar as palavras sobre aquele, o que dá a entender que o pensamento aí está, primeiro, à espera de que o material da linguagem venha dar-lhe forma. E surge outra questão: Como descrever esse intervalo entre pensamento e linguagem, separados como se cada um se justificasse por si?

Colocando face a face o pensamento e a linguagem, pode-se definir o estilo como a atitude adotada pelo locutor na presença do material que a língua lhe fornece, como marca de uma reação subjetiva para com as palavras. Essa é a maneira como entendemos a noção de escolha, na proposta de Bally. Como, porém, é possível precisá-la através do uso variável que dela fazem os estilistas, se essa noção implica liberdade do locutor. Liberdade, no caso, de um sujeito colocado fora da linguagem, e não considerado no interior dela.

As observações mostram que há obstáculos para que se aceite, hoje, a estilística da expressão de Bally. Foi, contudo, essa noção de desvio que fundamentou a maioria das definições de estilo. Noção baseada, de um lado, em uma concepção subjetivo-idealista das relações entre pensamento e linguagem e, de outro, em uma operação do locutor que discrimina entre o banal e o expressivo.

Com pensamento distinto da visão de estilo de Bally, temos a “Filosofia do Estilo”, de Granger (1974). O autor observa que a relação entre forma e conteúdo tem sido pouco considerada pelo pensamento moderno, como processo, como gênese, em suma como trabalho. Sua intenção é a de formular uma “espécie de filosofia de estilo, definindo este como modalidade de integração do individual num processo concreto que é trabalho e que se apresenta necessariamente em todas as formas de prática” (GRANGER, 1974, p. 17).

Para ele, toda prática de linguagem comporta um estilo e o estilo é inseparável de uma prática. Portanto, procurar as condições mais reais da inserção das estruturas numa prática individuada seria tarefa de uma estilística, na opinião do autor.

Entretanto, o estilo não se reduz aos fatos; faz parte das significações, entendida como *o que* resulta da colocação, em perspectiva, de um fato no interior de uma totalidade ilusória ou autêntica, provisória ou definitiva, mas, em todo o caso, vivida como tal por uma consciência. Uma vez que o fato de estilo nasce do contato das estruturas, funcionando como projetos, e de uma situação vivida como dado de um ato possível, é inseparável, por natureza, de uma significação que é a do fazer.

Para precisar a natureza da individuação, Granger não aceita a ideia de estilo como desvio da norma. Essa ideia é insuficiente e só apresenta um aspecto exterior da individuação estilística. Assim, uma mensagem aparece como estilisticamente marcada na medida em que essa diferenciação pode ser interpretada como reveladora de uma distribuição “*intencional*” dos traços livres.

Então, se a tarefa da estilística, como a defende Granger, é procurar as condições de inserção das estruturas numa prática individuada, vamos acreditar, por um lado, que a principal condição seja a expressividade e, por outro, vamos concordar com a ideia de que a marca estilística apresenta-se como o testemunho de uma luta contra o acaso, mesmo quando essa luta só consiga reduzi-la imperfeitamente, criando, como ele mesmo diz, uma outra organização estatística.

É singular perceber que as propostas de Granger permitem possíveis articulações com o pensamento de Bakhtin. Um primeiro vínculo pode ser observado quanto à significação, pois Bakhtin considera que a significação só terá sentido no processo de criação do enunciado, caracterizado como contato entre significação linguística e realidade concreta.

A significação linguística é considerada um aparato para a realização da realidade concreta, a qual dá lugar à formação de um signo, marcado pelo social. Nos termos do autor, “é a reação da consciência em devir ao ser em devir” (1995, p. 128), é o significado contextualizado, abarcando elementos não verbais da situação, o que nos leva a inferir que a situação vivida, considerada por Granger, corresponde à realidade concreta de Bakhtin.

Assim, colocada a significação, vale lembrar que o centro organizador da enunciação é o meio social. Bakhtin atesta essa afirmação com o seguinte argumento: “a elaboração estilística da enunciação é de natureza sociológica e a própria cadeia verbal, à qual se reduz em última análise a realidade é social” (1995, p. 122).

O segundo vínculo está no modo de ver a relação *forma x conteúdo*. Bakhtin, em seus últimos escritos (década de 70), revela que o autor de uma obra está presente naquele momento inseparável, em que conteúdo e forma fundem-se de maneira indissolúvel. Isso

significa que “todos os momentos da palavra, que realizam composicionalmente a forma, transformam-se em expressão criativa do autor com o conteúdo” (BARROS, 1998, p. 48), confirmando o fato de que a significação não pode ser desvinculada da expressividade, atividade exercida com esses dois aspectos.

O fato de Granger sublinhar a escolha como ação realizada pelo sujeito pode ser considerado o terceiro ponto de aproximação com a teoria de Bakhtin. Granger refere-se à escolha como modo de estruturação a partir da relação *forma x conteúdo* como trabalho. No entanto, deve-se reconhecer que Bakhtin foi mais específico, ao considerar a estreita ligação da escolha com a apreciação, e julgar esta como responsável pela orientação daquela.

Os autores, contudo, são unânimes em admitir que a escolha se faz em uma imensa reserva de recursos linguísticos, permitindo várias formas de representação da realidade.

A ligação entre expressividade e escolha confirma a ideia de condição da expressividade como uma ação simultânea à gênese da relação *forma x conteúdo*. Assim, na atividade de produção, é a atitude valorativa em sincronia com a forma e o conteúdo, constituindo um trabalho, que vai determinar a prática individual.

Essa é a principal razão que nos levou a aderir à ideia de estilo como resultado do trabalho do sujeito, pois, como já dissemos, a concretização do estilo depende da postura estimativa do produtor do enunciado, refletida nas escolhas e em sua organização, apropriada à determinada situação de interação.

Considerar o estilo no ato de produção seria o quarto ponto em comum entre eles. O estilo deixa de ser tratado como produto e passa a ser observado e compreendido no processo de construção do enunciado. A compreensão do estilo a partir do surgimento da significação não permite mais visualizá-lo como produto, ou resultado de desvio do sistema linguístico social, mas concebê-lo no ato mesmo de produção, considerando-se a expressividade que será exercida mais ou menos sob influência do interlocutor e de uma possível reação-resposta.

A partir dessa perspectiva, não é adequado subestimar a relação do locutor com o outro. Nas reflexões de Bakhtin, isso revela a estreiteza e os erros da estilística tradicional que tenta compreender e definir o estilo, baseando-se, unicamente, no conteúdo do discurso (observando como objeto do sentido e na relação expressiva do locutor com esse conteúdo). Ao subestimar a relação do locutor com o outro e com seus enunciados (existentes ou presumidos), não se pode compreender nem o gênero, nem o estilo de um discurso.

De qualquer forma, Bakhtin continua a preocupar-se com a relação do locutor com a elocução, defende a posição de que, nas diversas esferas da comunicação discursiva, o

momento expressivo tem um significado e um peso diferente, mas “um significado absolutamente neutro é impossível. É a atitude valorativa com o objeto de seu discurso, (qualquer que seja este objeto) também determina a seleção dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (1992, p. 308).

Essa posição informativa autoriza concluir que, na produção do enunciado, sempre haverá expressividade² e, em consequência, estilo, quer seja em maior ou quer seja em menor grau, de acordo com as circunstâncias, a posição social e o relacionamento dos interlocutores.

Assim, na sua visão, uma análise estilística que queira englobar todos os aspectos do estilo deve analisar o todo do enunciado e, obrigatoriamente, analisá-lo dentro da cadeia da comunicação verbal de que o enunciado é apenas um elo inalienável.

Granger não pensa diferente; teríamos, então, mais um vínculo, pois acredita que a estilística é uma teoria das obras, e que sua tarefa seria procurar as condições mais reais da inserção das estruturas numa prática individualizada.

Essa individualização estilística constitui reflexo da inter-relação social em cujo contexto se constrói uma determinada enunciação. É uma elaboração de natureza social. “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN, 1995, p. 114).

Após essa observação, Bakhtin alerta para os prejuízos da separação entre gramática e estilística. Ele acredita que seria o mesmo que continuar a separar forma e conteúdo. É não perceber sua relação na construção do enunciado e, além disso, não perceber que o sentido se dá pela valoração que orienta as escolhas gramaticais.

Entender, portanto, o estilo como resultado de um trabalho do produtor do texto, e a estilística como capaz de orientar uma análise do todo do enunciado permitindo a compreensão de uma prática individualizada é construir as bases para uma análise apropriada de todo e qualquer enunciado.

² Essa expressividade refere-se a uma atitude valorativa exercida pelo locutor no momento da escolha. Segundo Bakhtin (1992), apenas o locutor pode estabelecer um juízo de valor a respeito da realidade que ele realizará mediante enunciado concreto. Esse juízo de valor é o que o autor sustenta como expressividade exercida pelo locutor.

4 PONTO DE CHEGADA: É O ESTILO UMA QUESTÃO IMANENTE À ATIVIDADE DE LINGUAGEM?

Após essas considerações, assinalamos que a expressiva contribuição linguística para a estilística foi levar à compreensão de que o estilo não deve ser visto como produto, mas como processo; ou seja, como resultado do trabalho do sujeito, pois sua efetivação depende da postura estimativa, valorativa do produtor do enunciado, refletida nas escolhas e em sua organização apropriada à determinada situação de interação social.

Ainda, se pensarmos que todo o trabalho comporta um estilo e que o estilo é inseparável de um trabalho, vamos aceitar que há estilo nos dois enunciados registrados na primeira seção deste texto.

O que justificaria na propaganda da “Caixa” o padrão que ela deixa para trás, e que a gramática normativa teima em defender, senão o próprio estilo adequado à situação de interação social? E, no caso do enunciado do “Catador”, não é necessário o domínio da norma culta para nos levar a inferir pragmaticamente, a partir de sua atitude valorativa, de sua expressividade, que há muitos recursos materiais para que a mulher se mantenha jovem, no entanto, a virgindade transformou-se em algo banal. Poderíamos arriscar que o catador possui um estilo filosófico, considerada a relevância de sua reflexão para os dias atuais. Essas verificações e o caminho até aqui percorrido leva-nos a concluir que o estilo é uma questão imanente à atividade de linguagem.

5 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLICHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995. [Original russo de 1929]

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. [Original russo de 1979].

BALLY, C. *El language y la vida*. Buenos Aires: Lousada, 1941.

BARROS, M. L. C. *O processo de individuação na linguagem: caminhos e descaminhos*. Campinas: UNICAMP, 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BIRCH, D. Stylistics. In: MEY, J.L. *Concise encyclopedia of pragmatics*. Amsterdam: Elsevier, 1998, p. 955-960.

BROWN, R.; GILMAN, A. Politeness theory and Shakespeare's four major tragedies. *Language in Society*, n. 18, p. 159-212, 1989.

BURTON, D. *Dialogue and Discourse: sociolinguistic approach to modern drama, dialogue and naturally occurring conversation*. London-Boston-Henley: Routledge & Kegan Paul, 1980.

CARTER, R.; SIMPSON, P. (Eds.) *Language, Discourse and Literature: An Introductory Reader in Discourse Stylistics*, London: Unwin Hyman, 1989.

_____; NASH, W. *Seeing through language*. Oxford: Blackwell, 1990.

GRANGER, G. G. *Filosofia e estilo*. São Paulo: USP, 1974.

GUIRAUD, J. *A estilística*. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

LEECH, G. Pragmatic principles in Shaw's *You Never Can Tell*. In: Toolan, m. (Ed.). *Language, text and context*. London: Routledge, p. 259-280, 1992.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo. Parábola, 2008.

NASH, W. *Rhetoric: the wit of persuasion*. Oxford, 1989.

PRATT, M. L. *Towards a speech act theory of literary discourse*. Indiana: Univ. Press. Conventions of representation, 1988, p. 15-34.

SEMINO, E.; CULPEPER, J. Stylistics. In: VERSCHUEREN, J. *Handbooks of pragmatics manual*. Amsterdam: John Benjamins B.V. Publishing, 1995, p. 513-520.

SIMPSON, P. Politeness Phenomena in Ionesco's *The Lesson*. In: Carter, R.; Simpson, P. (Eds.), *Language, discourse and literature*, 171-193. London: Unwin and Hyman, 1989.

TOOLAN, M. (Ed.). *Language, Text and Context: Essay in Stylistics*. London: Routledge, 1992.